



A ESPADA DE

ÁTILA

MICHAEL CURTIS FORD

Tradução de Sónia Amaro





U M

*Campos Cataláunicos, Gália, 20 de Junho, A.D. 451*

A negritude dos céus misturava-se com a dos campos e dos bosques em redor e a chuva jorrava numa cena de miséria colectiva, uma cena tal a que o mundo raramente assistia. Era como se os próprios deuses estivessem a chorar pela grandeza perdida do império ou por si próprios.

Duzentos e cinquenta mil soldados cambaleavam numa formação irregular ao longo de uma estrada de terra cujos buracos há muito se tinham transformado num pântano. O mundo de cada homem estava reduzido ao pequeno espaço que rodeava o seu próprio corpo – o som de sandálias ferradas, a água que pingava do elmo para os olhos, a armadura fria do soldado à sua frente, que ele tocava com a mão para se certificar que ainda estava a seguir o caminho certo na escuridão. Por muito que um soldado possa treinar e praticar com a sua legião, marchar em formação cerrada com mil camaradas, por mais ferozmente que possa lutar fazendo parte de um vasto corpo de tropas, no fim, a sua sobrevivência depende não dos seus companheiros ou dos seus inimigos, mas unicamente dele próprio. Nenhum outro homem pode suportar no seu lugar a chuva fria a gotejar pelas costas, a dor lancinante na coxa onde a ponta da lança permanece cravada ou o medo profundo que sente nas entranhas que esta noite, esta noite de agonia e exaustão, esta última noite, possa não chegar a amanhecer.

Nenhuma luz penetrava o céu apesar de à distância, no horizonte próximo onde estava o acampamento inimigo, as centelhas de cem mil fogueiras perfurarem a escuridão como estrelas presas à terra, como se as

posições do céu e da terra tivessem sido invertidas. Mais perto, no entanto, a única luz era aquela que brilhava de um ocasional archote de resina de pinheiro, cravado na terra encharcada da vala, ou o lume persistente de um projectil incendiário, derretendo-se lentamente numa poça de líquido oleoso. As chamas minguentes apenas pareciam intensificar a escuridão devido à sua inconstância e, à medida que a coluna serpenteava devagar, lançavam sombras trémulas nos rostos ensanguentados, em expressões contraídas com pesar e dor.

A dor não provinha de ferimentos físicos, pois um legionário está acostumado a isso. Um homem que serve Roma com a força dos braços acaba por se resignar a deixar para trás um pedaço de si em cada campanha – um dedo aqui, podado por uma espada germânica ou por um machado de lenhador; uma fatia de ombro ali, arrancada por uma cavilha de uma catapulta inimiga ou pelos dentes de um recalcitrante cavalo; um olho; a rectidão de um nariz, dentes supérfluos, perdidos numa luta, ou devido à podridão, ou a um desagradável presente de uma prostituta com sífilis. No entanto, talvez seja justo deixar alguma coisa para trás, algo pessoal, em troca das vidas e das riquezas que um soldado arrebatava em troca. Os veteranos depressa aprendem os truques para permanecerem intactos, pois um soldado não consegue sobreviver a um destacamento de vinte anos nas legiões e continuar a perder um suplemento crucial todos os anos, sobraria pouco de um homem para desfrutar da sua parca pensão se esse fosse o caso. Passados alguns anos de experiência, um homem aprende a controlar a sua bravura. Não a faltar ao ser dever, claro, mas também a não tomar riscos desnecessários, a dar-se como voluntário para postos de guarda mais seguros, a ficar uma fracção de um momento atrás da linha da frente aquando de um ataque, a manter-se atento a atiradores furtivos nos flancos, em vez de se concentrar unicamente no inimigo directamente à sua frente. *Olhos para leste!* Grita a voz interior da experiência, pois em combate directo corpo-a-corpo um romano consegue liquidar qualquer adversário utilizando técnica e destreza superiores, e até mesmo a força superior de um alamanos é na realidade diminuída pelo próprio fervilhar do seu sangue. Mas um atirador furtivo, calmo e calculista a fazer pontaria por detrás de uma árvore só pode ser evitado através da experiência. Depois de um homem perder duas ou três partes do corpo, carinhosamente recordadas, uma segunda visão torna-se a segunda natureza.

Apesar de tudo, a dor que estes rostos exibiam ia muito além do usual grau de sofrimento físico. A armadura estava salpicada de sangue e amolgada. Os membros estavam envoltos em ligaduras, ou ausentes, ou ainda pendurados em ângulos estranhos. Ninguém falava ou cantava, nem sequer se ouvia a habitual litania de queixas de um exército em marcha.

Apenas se conseguia escutar o incessante caminhar e chapinhar de meio milhão de pés a percorrer o vasto rio de lama.

O próprio silêncio era um momento raramente encontrado. Silêncio entre os romanos, um silêncio romano, é uma contradição de termos, uma condição que, tal como terra despida numa floresta luxuriante, ou uma bela mulher a viajar sozinha, é instável pelas próprias leis da natureza, um vácuo que pede para ser preenchido. E, como se Estentor, aquele esquecido deus do clamor e do ruído, tivesse acordado confuso por um momento e reparasse no seu lapso inexplicável, o som de vozes determinadas ergueu-se subitamente bem alto. As tropas exaustas tropeçavam e hesitavam no seu caminhar pegajoso, querendo parar e ouvir para experimentarem o alívio de saber que existia vida para além dos seus círculos individuais de escuridão e humidade, mas cada um estava relutante em perder o contacto com o soldado à sua frente ou tinha receio de ser empurrado para a lama e pisado pela invisível coluna de sombras que marchava atrás dele.

As vozes ruidosas tornaram-se mais claras, pontuadas por palavras e pelo zurrar energético de mulas descontentes com as condições sob as quais estavam a ser conduzidas. Uma coluna de carroças de madeira avançava com dificuldade na direcção oposta das tropas, forçando a sua passagem através dos exaustos feridos. Silenciosamente e de má vontade, pelo tacto e pelo som em vez da visão, os homens tropeçavam para a vala à beira da estrada e ficavam a tiritar dentro do regato de água enlameada à medida que as carroças passavam. Cada veículo era puxado por duas mulas, cujo caminho era iluminado por uma lanterna montada sobre uma longa vara arqueada sobre os dorsos dos animais. As luzes amarelas brilhavam ténue e doentamente nos rostos dos auxiliares que caminhavam ao lado das mulas e das rodas das carroças. Eram novos e com ar de novatos, apenas rapazes — recrutados apressadamente de uma aldeia local alguns dias antes, não tendo sequer o básico da armadura e do armamento — e olhavam para os soldados exaustos por quem passavam de olhos arregalados com o espanto.

O líder do esquadrão de carroças, um centurião corpulento, caminhava ao lado da estrada, chicoteando as mulas, os rapazes e as tropas que o rodeavam indiscriminadamente à medida que trabalhava para abrir um caminho para a sua coluna. As fatigadas legiões, que apenas há algumas horas tinham resistido contra os mais ferozes inimigos que Roma alguma vez enfrentara, agora encolhiam-se na escuridão para evitarem a ferroada da correia de mulas de couro, manejada por um dos seus homens. Cada homem tem a sua função e estas tropas tinham completado a sua: conduzir uma coluna de carroças era a função do centurião e tanto oficiais como soldados rasos submetiam-se a ele e ao seu ríspido chicote.

À medida que passava, o centurião caminhava para trás e para a frente da sua linha de carroças ruidosas a gritar instruções num tom militar, monótono e cortado.

— As tréguas manter-se-ão até ao nascer do sol, homens! Ignorem quaisquer hunos que estiverem no campo, eles estão a tratar dos seus próprios feridos. E lembrem-se do aviso do general – nada de saque! Qualquer homem que eu apanhar a saquear os mortos, mesmo os hunos mortos, será chicoteado!

Com uma lentidão excruciante a coluna de mulas esforçava-se por subir a pequena colina que se avultava à sua frente na escuridão. A maré de legionários afastava-se à sua frente e voltava a alinhar atrás, numa formação romana ordeira. Os únicos sons que se ouviam eram o leve praguejar dos veteranos exaustos, à medida que eram forçados a parar o seu doloroso progresso para entrarem na vala, e o discursar monótono do centurião.

— É mesmo por detrás desta última colina, homens. As tréguas manter-se-ão até ao nascer do sol. Oito horas para recolher os feridos. Tragam essas mulas cá para cima. Estamos quase lá... Meu Deus!

O centurião parou quando chegou ao topo da colina e olhou para o campo de batalha. Benzeu-se inconscientemente à medida que as carroças atrás dele lentamente paravam.

Lá em baixo estava uma cena de carnificina aterradora. Sob a luz esmorecente das poças crepitantes deixadas pelos projecteis, a vasta planície estava repleta de sombras negras e trémulas de corpos. Não eram milhares ou dezenas de milhares, mas sim centenas de milhares de homens e cavalos, semienterrados na lama agitada, com a chuva a cair fortemente sobre as suas formas prostradas, transformando tudo – lama, corpos, a própria escuridão – numa sopa espessa, ficando o chão praticamente indistinguível dos corpos e estes da escuridão.

Depois de olhar por um momento, começou a discernir os elementos individuais da cena. O campo não estava inerte, pelo contrário, era um vasto pântano em movimento, agitando-se e ondulando lentamente como a superfície de um lodaçal saxão. Algumas das formas rastejavam debilmente ou arrastavam-se; outras erguiam um membro fraco como se estivessem a chamar uns pelos outros; a maioria estava completamente imóvel; cães selvagens e porcos corriam furtivamente por entre os corpos, e outros grupos de carroças e maqueiros já estavam a trabalhar esforçadamente, a transportarem os feridos e a empilharem os mortos.

Num silêncio horrorizado, os jovens soldados da coluna juntaram-se por detrás do centurião e espreitaram por cima do seu ombro. Era uma visão infernal e a jovem equipa paralisou em estado de choque. O centurião, no entanto, não era homem para grandes considerações.

— Comecem a trabalhar! Ao nascer do dia as tréguas terminarão. Por essa altura quero já ter levado todos os feridos. *Todos!* Queimaremos os mortos mais tarde.

Com um estalar do seu chicote e mais uns palavrões dos legionários em marcha que tinham sido forçados a entrar na vala, a coluna de carroças seguiu em frente passando o topo da colina e começou a sua lenta e cuidadosa descida enlameada até à extremidade do campo, local onde os veículos se dividiram pelas maiores aglomerações de formas negras que atulhavam a planície.

Dois jovens gauleses, forçados a ingressar no serviço de ambulâncias romanas há apenas três semanas, escolhiam o seu caminho lentamente pelo meio da lama e dos corpos que gemiam.

— Eu não me alistei nas legiões para estar a arrastar romanos da lama.

— Cala-te. Não te alistaste, o nosso pai ordenou-nos que viéssemos porque o perfeito ordenou-lhe que nos mandasse. O que esperavas, ser recrutado como general?

— Não, mas que pelo menos lutasse um pouco, que matasse um huno ou dois...

— Já disse para te calares. Ajuda-me a voltar este.

Os irmãos inclinaram-se e grunhiram enquanto levantavam um soldado que estava de bruços de forma a voltarem-no de costas. A lama relutantemente soltou o corpo do homem com um som molhado e pegajoso.

— Está morto. Deixa-o. Vamos levar este que aqui está. Vi que me-xia uma perna.

Erguendo o ferido com esforço para uma maca imunda, carregaram lentamente a sua carga até à carroça, onde as mulas permaneciam estoicamente sob a chuva torrencial. O romano ferido gemia levemente com o balançar da maca e os dois gauleses, praguejando enquanto escorregavam e tropeçavam através da escuridão, pouco faziam para suavizar o seu transporte.

— Cuidado, idiota. Não vês que o braço dele está quase a tombar?

— Ata-o à volta do peito dele para que não fique pendurado. Tenho de ser eu a fazer tudo nesta equipa?

Pousando a maca na portinhola traseira da carroça que tinham baixado, eles fizeram-no deslizar lentamente da lona ensopada de sangue para as tábuas, acomodando-o firmemente entre dois outros que já tinham recolhido.

— Há espaço para mais dois. Vamos lá.

— Que tal aquele? Está a mexer-se...

Os irmãos aproximaram-se com a sua maca e agacharam-se para espreitarem o rosto de um ferido sob a luz débil.

— Nah, é um huno. Amarelo como um girassol, se não fosse por estar enlameado. Também está seminu. Os hunos nem sequer têm o bom senso de usar metal.

— Eu também não te vejo com uma armadura.

— Silêncio, estão ali alguns hunos!

Os gauleses pararam, na posição em que estavam e ficaram a olhar. Vários passos à sua frente duas figuras caminhavam pelo campo, as suas couraças de couro preto reluziam humidamente à luz das fogueiras dispersas. Cada um deles transportava uma lança de um metro e oitenta, apesar de não se avistarem quaisquer outras armas, e também eles se agachavam aqui e ali para examinarem uma figura prostrada na lama.

— Estarão eles a fazer o mesmo que nós?

— A recolherem feridos? Por que não?

— Como é que eles os vão transportar? Não têm qualquer maca ou carroça.

Enquanto os gauleses observavam, os hunos pontapearam uma figura sombria que jazia no chão para a voltarem. O homem ferido sacudiu debilmente um braço. Um dos hunos, aparente o mais velho, grunhiu qualquer coisa para o outro na sua língua gutural e depois afastou-se para investigar mais movimentos a alguma distância dali. O outro, então, fez uma breve pausa, como se esperasse que o seu líder se afastasse, colocou cuidadosamente a ponta da sua lança na garganta do homem ferido que jazia a seus pés e pressionou com força a haste. O braço do homem ferido abanou subitamente uma vez, caindo depois pesadamente e sem vida na lama. O huno agarrou a haste da lança e arrancou-a. Seguidamente, ergueu os olhos e viu que os dois gauleses o observavam. Durante um momento ficou imóvel, apoiando-se na lança como se estivesse numa meditação profunda, enquanto os irmãos nervosamente verificavam os seus cintos, esperando terem-se lembrado de lhes colocar as suas facas. Depois, com um sorriso que brilhava amarelo sob a luz das chamas, o huno acenou ligeiramente com a cabeça e seguiu caminho para se juntar ao seu camarada, que estava a apontar a outro soldado ferido.

— Deus do Céu! Viste aquilo? Eles são assassinos dos seus próprios homens! Achas que os deveríamos matar?

— *Matá-los?* Olha para as armas deles, homem, olha para a armadura. Aqueles homens não são recrutas como nós, são verdadeiros soldados.

— Mas...

— Não tenhas ideias. O centurião disse que não devíamos ter qual-

quer contacto com os hunos. Eles estão a fazer o trabalho deles e nós estamos a fazer o nosso. Vamos mas é continuar.

Atrás deles, uma das mulas bufou e os dois homens saltaram.

— Não há muito mais espaço na carroça. Vamos apanhar mais dois e voltar para o acampamento.

Quando os dois homens começaram lentamente a caminhar pelo meio da carnificina, uma voz débil ergueu-se na escuridão.

— Romanos! ...Ah, por amor de Deus, aqui...

Um braço gesticulava debilmente de um monte de cadáveres que os gauleses até ali tinham evitado propositadamente, por estar a vários passos da fogueira mais próxima, com os seus detalhes sangrentos envolvidos pela escuridão.

— Está ali um vivo. Depressa. . .

Os dois soldados correram até lá, agarraram um braço e libertaram o homem ferido debaixo dos cadáveres que estavam por cima dele, deitando-o de costas na lama.

— Não consigo ver nada. Arrasta-o até aqui.

Protestando baixinho enquanto escorregavam na lama, os dois homens inclinaram-se e colocaram o ferido na maca, começando depois lentamente a transportá-lo. No entanto, quando passaram em frente de um lume crepitante, o mais velho dos dois praguejou subitamente e largou a sua carga. O seu irmão, apanhado despercebido pela súbita inclinação, cambaleou para trás e, depois, também soltou as duas varas da maca.

— Idiota! Por que é que o deixaste cair?

— Olha para ele! É um huno!

Os dois observaram-no de perto sob a luz fraca. O ferido usava um elmo de batalha romano mas não tinha armadura, apenas uma túnica de lã e botas de cavalaria.

— Tens razão, é um velho huno, e ainda por cima feio. Roubou um elmo romano de algum lado. Tira-o da maca.

— Esperem. Ele chamou-nos em latim.

O ferido interrompeu a querela que se passava por cima dele com uma tosse húmida, lutando com dificuldade para se sentar por entre as duas varas da maca em que estava deitado.

— Romanos, por favor... esperem! — arquejou, num rude latim de acampamento. — Eu tenho informações para vós...

Os gauleses ajoelharam-se à frente dele.

— Informações? Bem, estás a ocupar o espaço que poderia ser de um rapaz romano. Fala de uma vez, velho, e despacha-te.

— As minhas informações são somente para o vosso general.



Os gauleses olharam para ele, incrédulos.

— Esperas que te levemos até ao general Flávio Aécio? Assim, sem mais nem menos? Todos os hunos que aqui estão pediriam a mesma coisa.

— Huh! Sempre é melhor do que ser espetado na garganta pelos seus próprios homens, não é?

Os gauleses riram-se, mas o huno tossiu novamente e agarrou firmemente as varas na maca com as mãos para impedir que fosse despejado.

— Por favor... fiquem com a minha bolsa. Está presa com uma corrente ao meu conto...

Um dos gauleses olhou em seu redor, cuidadosamente, para ver se alguém os estava a observar, então inclinou-se, tacteou a cintura fina do huno e arrancou-lhe uma bolsa de couro. Voltou a endireitar-se, espreitando furtivamente lá para dentro.

— O centurião disse-nos que não podia haver saque.

— Mas o velho tem dinheiro, ouro!

— Provavelmente roubou-o ao mesmo tempo que o elmo, antes de levar uma espadeirada no estômago.

O huno falou novamente.

— Por favor... não temos muito tempo.

Os soldados olharam um para o outro e acenaram com as cabeças. Voltaram a pegar na maca, cambalearam até à carroça e lançaram-no bruscamente lá para dentro. Depois de ajustarem um pouco a carga, deram uns passos atrás para apreciarem o seu trabalho.

— O que achas, espaço para mais um?

— Sim, vamos.

Os gauleses afastaram-se devagar para procurarem mais um soldado romano ferido, mas alguns passos depois, pararam abruptamente, escutando.

Som de cascos de cavalos e de latidos de cães, os cavaleiros estavam a aproximar-se rapidamente. Na escuridão e com a chuva, qualquer sentido de orientação estava perdido, a comoção podia estar a vir de qualquer lado. Os dois voltaram-se lentamente, desorientados. O som de cascos de cavalos não lhes era estranho, mas o latido não era o de um cão normal, era mais profundo e mais rouco, combinado com um rosnar selvagem. Os soldados ficaram tensos e começaram de novo a tactear os cintos. Subitamente, um trio de enormes lobos nórdicos, com o longo pêlo à volta do pescoço a exibir-se como uma juba, passaram a correr em frente a uma fogueira próxima, puxando as cordas dos treinadores hunos que seguiam atrás deles. Os gauleses olharam perplexos.

— Viste? Aquilo são...?

— Eu já tinha ouvido dizer que os hunos tinham lobos, como o general Aécio, mas não tinha acreditado...

Os enormes animais saltavam sobre os corpos que estavam no chão e depois pararam, a rosnar, em frente da pilha de corpos de onde o velho huno tinha acabado de ser tirado. Soprando e farejando, andavam às voltas irados e confusos.

Uma nova torrente de chuva desabou do céu e, no exacto momento em que os gauleses baixavam as cabeças à procura de abrigo, uma dúzia de cavaleiros hunos, gritando na sua linguagem ríspida, irromperam da escuridão, rodeando-os com os seus cavalos resfolegantes e irrequietos. O seu líder, uma figura imponente, aproximou-se dos rapazes aterrorizados. Ele não envergava qualquer armadura de metal, mas apenas o equipamento de batalha de couro gasto e encardido que eles já tinham visto nos outros soldados hunos. A única coisa que fazia a distinção da patente era o ornamento de pele baça que usava à volta do pescoço e nas mangas da túnica. Tinha os ombros largos e musculados, com uma força física controlada que fazia contraste com a expressão de fúria do seu rosto. Baixou a vista para os dois gauleses encolhidos, com os olhos a brilharem à luz do archote, ávido como um leão que olha para a sua presa de um ramo baixo.

O líder fez um sinal para um dos seus camaradas a cavalo e dois deles manobraram subitamente os seus animais até ficarem atrás dos gauleses, debruçaram-se dos cavalos e encostaram longas facas aos pescoços dos soldados. Os recrutas paralisaram aterrorizados; um súbito movimento de um cavalo e as suas gargantas poderiam ser cortadas. Olharam para cima, imóveis, a chuva escorria-lhes pelo rosto. O comandante olhou de soslaio enquanto erguia o queixo do gaulês mais novo e agitava a sua arma perante os olhos do aterrorizado jovem. Era uma lâmina de aço com um gume dentado minuciosamente forjado, como o gaulês nunca antes tinha visto. Fazia-lhe lembrar os dentes de um animal e ele estremeceu.

— Animem-se, chacais romanos! — grunhiu o líder num latim correcto. — Viram um velho huno passar por aqui há um bocado?

Os gauleses mal se conseguiam aguentar em pé devido ao medo que sentiam. O mais novo abriu a boca para falar – *diz o que sabes; salvar a pele!* Gritava a sua voz interior. Mas antes de conseguir emitir uma palavra, o comandante dos cavaleiros interrompeu-o.

— Se eu descubro que vós, romanos, destes de alguma forma abrigo a este homem, então as tréguas nocturnas chegam ao fim. As vossas cabeças irão decorar os varões da minha tenda. Revistem a carroça deles.

Os hunos largaram os jovens e os dois gauleses caíram de joelhos, enfraquecidos pelo terror. Dois outros hunos do grupo desmontaram e co-

meçaram a caminhar na direcção da carroça com um archote aceso. No exacto momento em que se aproximavam, um cavaleiro ostrogodo saiu da escuridão a toda a velocidade, ofegante.

— Grande Rei! — exclamou, sem fôlego. — Os lobos estão a farejar um novo odor! Se nos apressarmos, ainda podemos encontrar o velho com vida!

Os dois gauleses olharam um para o outro com os olhos arregalados. O mais velho sussurrou ao irmão pelo canto da boca.

— ‘Grande Rei’? É o próprio Átila!

O comandante huno deu a volta ao cavalo e gritou uma ordem na sua língua estranha. O outro cavaleiro partiu a galope e os dois hunos que tinham ido inspecionar a carroça voltaram a montar rapidamente e seguiram atrás deles. O líder ficou ali mais um pouco, a olhar para os dois irmãos, dedilhando a sua lâmina dentada como se estivesse a pensar. Depois, chicoteando violentamente o seu cavalo, disparou a grande velocidade atrás dos seus homens.

Os dois gauleses aterrados cambalearam de volta para a carroça. Ali, ficaram a observar o velho huno ferido, que lhes devolvia um olhar remeloso, enquanto alternava o estado de consciência com a perda dos sentidos. Um fio de sangue brilhava sob a luz débil à medida que lhe escorria pelo canto da boca. Os soldados endireitaram-se e tentaram recuperar a sua fanfarronice anterior. O mais velho deu uma palmada num pé do velho huno.

— Bem, com todos os problemas que já causaste, agora temos de te levar para o acampamento. Espero que valhas a pena.

Com menos um corpo, fizeram as mulas dar a volta e deram início à longa caminhada pela mesma estrada por onde tinham vindo.

Filas ordenadas de tendas de lona, cada uma delas tendo à porta um bra-seiro para os dez homens que dormiam lá dentro, flanqueavam um estreito caminho de terra que se tinha deteriorado e transformado num rio de lama bastante esburacado. O fumo pairava junto ao chão, como se fosse pressionado pela chuva e, à medida que os exaustos legionários chegavam penosamente ao acampamento e dispersavam para as suas unidades, os seus rostos fatigados eram transitoriamente iluminados pelas luzes das fogueiras e dos archotes. Uma coluna de carroças de madeira estava alinhada à frente de uma enorme tenda, o hospital de campanha do acampamento, e vários homens moviam-se freneticamente em volta das plácidas mulas, gritando ordens e apressando-se a trazer material médico. Descarregavam metodicamente os carros das suas desagradáveis cargas, e a clareira em frente da

tenda hospital tornava-se cada vez mais apinhada de corpos lamuriantes. Os homens prostrados eram colocados tão próximo que os ordenanças eram forçados a rolá-los até ficarem de lado, independentemente da localização dos seus ferimentos, encostados uns nos outros de forma a conseguirem espaço para as intermináveis quantidades de novos feridos que continuavam a chegar. Os homens, que estavam a sofrer, nem sequer eram abrigados da chuva. Muitos estavam inconscientes, mas os que estavam acordados gemiam debilmente, pedindo cobertores, comida, chamando as suas mulheres, as suas mães.

No local de descarga, os dois gauleses discutiam com o centurião que estava no comando, que estava apoplético com raiva.

— Raios vos partam, seus idiotas, pelos deuses da Gália! O general Aécio perdeu hoje cem mil homens ou mais. *Cem mil homens, foda-se!* E querem que eu leve até ele um velho huno meio-morto porque ele fala um pouco de latim? O meu cavaliço fala melhor latim do que este velho cão, e eu não o levaria a conhecer o general Aécio!

Os dois soldados recuaram com medo, mas o mais velho falou submissamente.

— Eu juro, senhor, era o Átila em pessoa, andava à caça dele! Ele deve saber alguma coisa...

O centurião praguejou, exasperado, por causa da teimosia dos gauleses, da chuva gelada que lhe escorria pelas costas, da imensa fadiga que sentia depois de ter lutado nas linhas durante todo o dia e por ter de estar a trabalhar nas carroças dos mortos a noite toda.

— Átila. Certo. Estiveste outra vez a dar no sumo de uva, rapaz. Levantem esse rabo e voltem ao trabalho. Ainda nos resta metade da noite. Eu agora trato do huno, e de vocês os dois mais tarde.

Os soldados encolheram os ombros, deram uma palmada às mulas e começaram o fazer o caminho de volta para o campo com a carroça vazia para apanharem mais feridos. À medida que se afastavam, o centurião olhou-os com aversão, olhando depois para o huno inconsciente com uma expressão de igual repugnância.

— Então que raio é que é suposto eu fazer contigo, eh?

Baixando-se, esbofeteou levemente várias vezes as duas faces do huno numa tentativa de o acordar.

— Fala, huno. Não te consigo ouvir. Ah, raios.

O centurião ergueu o velho com tanta facilidade como se se tratasse de uma saca de cevada, lançou-o sobre o ombro e caminhou pesadamente.

...

A tenda era grande, arejada e bem iluminada, espaçosa e confortável para os padrões militares, apesar de ser desmazelada e muito cheia se medida por padrões diferentes. Mapas e documentos estavam espalhados numa mesa e caídos no grosseiro soalho de madeira, criados iam e vinham apressadamente, sacudindo a água e raspando botas enlameadas. A chuva martelava na lona ensopada e o vento abanava o tecido de tal forma que parecia vibrar como a pele de um tambor, forçando todos os que estavam dentro da tenda a erguerem a voz para serem ouvidos. O mobiliário e os papéis tinham sido apressadamente empilhados em montes, longe das costuras do tecido, pois debaixo destas, nos buracos feitos pelas agulhas, até mesmo a aplicação generosa de gordura e de cera não tinham conseguido estancar os efeitos da chuvada, e longos fios de gotas de água formavam-se em todos os locais onde duas peças de tecido se uniam. Uma rajada de vento que insuflasse a tenda, ou um ombro desajeitado que roçasse contra a parede de lona, despejava uma fila de pingos frios na cabeça daqueles que estavam sentados lá dentro, e o som da chuva fustigante lá fora era periodicamente acompanhado pelo praguejar furioso no interior.

A uma mesa e banco no meio da tenda, sentava-se o general Flávio Aécio a conferenciar com meia dúzia dos seus oficiais. Ainda estavam todos vestidos com a armadura que tinham estado a usar durante as últimas dezasseis horas e todos estavam encharcados e imundos, nenhum deles se tinha lavado ou comido desde o seu regresso do campo de batalha horas antes.

Os seus rostos estavam sombrios e exaustos, mas Aécio continuava calmo e sereno. Era um homem alto e magro, e tinha um aspecto nobre e um porte aristocrata, apesar de não ter o olhar ocioso ou o excesso de emoção característico daqueles que chegam àquela posição sem o terem merecido. Fazia transparecer confiança calma e competência, e os seus oficiais estavam tensos, sentados à sua frente, enquanto ele os questionava sobre a corrente situação do exército.

— Qual é a contagem das baixas?

Pélo, um tribuno veterano vindo da Dácia, piscava os olhos para um pedaço rasgado de pergaminho que segurava na mão, esforçando-se por entender os números que tinha rabiscado alguns momentos antes sobre os relatórios fornecidos pelos seus centuriões no campo.

— General Aécio, a nossa estimativa preliminar, antes de ter caído a noite, era de trezentas mil baixas no campo. Não fazemos ideia de quantas destas baixas são hunos, ou quantas são homens nossos...

Houve um suster de respiração colectivo dos homens presentes. Apesar de cada um deles ser um veterano endurecido, acostumados a verem a morte e a enviarem as suas tropas para a frente de combate, estes nú-

meros jamais tinham sido ouvidos. Trezentos *mil*? Nunca antes na história tinha uma batalha destruído tantas vidas.

Um segundo tribuno, António, pigarreou e continuou o sumário.

— Os esquadrões de ambulâncias já saíram, senhor, e estão a recolher os sobreviventes. Depois deles regressarem teremos uma contagem mais precisa.

Pélo retomou o seu relatório.

— O pior de tudo, senhor, é que os relatórios dizem que o Rei Teodorico foi encontrado debaixo de uma pilha de hunos mortos.

Ao ouvir isto, Aécio ergueu os olhos, chocado.

— Teodorico? Qual era a sua condição, tribuno?

— Morto — respondeu Pélo. — Testemunhas afirmam que ele foi apanhado por um dardo ostrogodo que o fez tombar do cavalo. Levantou-se para lutar mas, no fim, foi dominado. Feridas em todos os locais certos. Morreu com bravura, aquele homem, a lutar como um centurião.

Aécio abanou a cabeça, consternado.

— O idiota. Tenho homens suficientes para lutarem como centuriões. Eu precisava que ele comandasse como um rei.

Fez uma pausa durante um momento, ponderando sobre este último volte-face.

— Os visigodos são o nosso maior aliado, isso deixa-os sem comandante.

António inclinou-se para a frente, baixando o tom da sua voz.

— Correcto, senhor, a todos os duzentos mil. Agora mesmo, a notícia está a espalhar-se pelo acampamento. Os visigodos estão confusos, sem líder. Alguns juram vingança sob o comando do filho mais velho do falecido rei, Torismundo, enquanto outros dizem que voltarão para Toulouse, para prepararem o seu funeral.

Aécio permaneceu calmo e silencioso, envolto em pensamentos. Os outros exibiam expressões chocadas, o olhar de homens que tinham perdido tudo. Finalmente, Pélo pigarreou.

— General Aécio, é necessária uma decisão — disse, hesitante. — O rei visigodo está morto. Os seus duzentos mil homens podem não lutar. Nós perdemos...

— Eu ouvi perfeitamente bem da primeira vez — Aécio interrompeu-o. — Nós não perdemos nada.

Gritos súbitos vindos do exterior interromperam a conversa. Os homens sobressaltaram-se com a comoção e levantaram-se para irem investigar.

— Estão dispensados — rosou Aécio à medida que se levantava.

— António procurai uma contagem mais precisa das baixas e volta a informar-me na próxima muda de guarda. — Abriu caminho pelo meio dos oficiais em direcção à porta da tenda, murmurando algo devido ao aborrecimento causado por esta nova perturbação. — Mas que raio é que está agora a acontecer?

Levantando o pano da porta, saiu para a chuva.

No rio de lama que passava em frente da tenda, um centurião discutia com dois dos guardas de Aécio, que o tinham impedido de se aproximar do quartel de estado-maior do general. O velho huno jazia no chão aos pés do centurião, embrulhado no cobertor encharcado, com os olhos entreabertos, tremendo e olhando à sua volta, perplexo. Aécio aproximou-se e abriu caminho, confrontando os homens com irritação.

— Centurião, o que significa isto? Não tens nada melhor para fazer numa noite como esta?

O centurião ficou imediatamente em sentido, surpreendido com o aparecimento do próprio comandante supremo.

— General Flávio Aécio! Saudações, senhor, com todo o respeito. A minha equipa de ambulância encontrou este huno... — pontapeou o homem semiconsciente, arrancando-lhe um gemido de dor — que insiste em falar com o general. Alega ter uma informação vital, senhor.

Aécio olhou curiosamente para o huno, mas o seu rosto não denotava qualquer emoção. O homem ferido ergueu os olhos para ele, com os olhos a focarem gradualmente e a arregalarem-se em sinal de reconhecimento. Com dificuldade, removeu a mão das dobras do ensanguentado e ensopado cobertor que o envolvia como uma mortalha, e estendeu a mão fechada na direcção de Aécio.

Aécio baixou-se e também estendeu a sua mão e o huno deixou cair nela alguma coisa. O general ergueu-se e segurou o objecto à luz de um archote a fim de o examinar. Era uma polida e amarelada presa de um animal, pendurada num simples fio de couro, um talismã bastante comum entre os hunos. Mas, no entanto, tinha uma *tamga*, uma marca de propriedade, algo fora do comum numa coisa tão pouco valiosa como esta. Segurou-a mais perto da luz. Ali estava, ele mal a conseguia distinguir, uma toscamente gravada letra “A”.

O general sobressaltou-se, surpreendido, e voltou a olhar para o huno. O rosto, a princípio não o tinha reconhecido, mas agora não havia qualquer engano. Aquele nariz quebrado, que tinha sarado tão mal...

— Centurião traz este homem para dentro da tenda imediatamente. Guarda, chamem um médico.

O guarda partiu a correr. O centurião baixou-se e colocou o huno

novamente ao ombro, caminhando a passos largos directo à abertura da tenda. Aécio seguiu-os de perto.

Baixando-se para entrar na tenda, o centurião depositou o huno no catre do general com um gemido, depois endireitou-se e saudou-o erguendo a mão. Aécio acenou-lhe distraidamente e dirigiu-se até ao catre, mas o centurião permaneceu onde estava. O general voltou-se para olhar para ele durante um bocado, para este corpulento veterano coberto de lama e ensoado até aos ossos, a sua túnica e armadura manchadas com o sangue do ferido que tinha estado a carregar. O centurião manteve-se em sentido, com os olhos impassíveis, olhando em frente.

— À vontade, homem. De que é que estás à espera, de uma medalha?

O tropa vacilou ligeiramente, deixou cair a mão que mantinha erguida, mas manteve-se imóvel e, subitamente, Aécio compreendeu o porquê. Pela primeira vez em horas o homem estava abrigado da chuva e estava relutante em aventurar-se a voltar tão depressa outra vez para o campo. A expressão do general amoleceu ligeiramente.

— Vai para a caserna. Diz ao armeiro que te mandei ir buscar uma taça de vinho quente. Eu sei que ele o guarda por detrás da forja.

— É para o prisioneiro, senhor? — perguntou o centurião.

Aécio voltou-se.

— O prisioneiro? Soldado, ele mal está consciente. Bebe-o tu e, depois volta para o campo!

O centurião acenou com a cabeça, ainda inexpressivo, e depois saiu friamente pela porta da tenda. Aécio ficou durante um momento a ouvir o chapinhar das pegadas a desvanecer lá fora. Depois, suspirando profundamente, pegou numa lamparina que estava por perto e inclinou-se sobre o huno. Apesar da luz da lamparina brilhar muito perto, os olhos do homem nem sequer tremeram.

Aécio examinou o rosto atentamente, observando as feições, tão familiares e, no entanto, tão mudadas depois de tantos anos. Teria ele próprio mudado assim tanto? O rosto e o corpo de um homem amadurecem, depois entram em declínio, tornando-se quase irreconhecíveis com o passar do tempo. Mas será que a sua essência permanece constante, como se pegássemos num machado, o lançássemos contra uma árvore e este a descascasse até atingir no interior um rebento que tivesse testemunhado a marcha de Júlio César? Aquele velho que estava ali à sua frente, seria ainda o mesmo homem que Aécio conhecera? Estaria ele aqui por amizade? Ou por algo diferente?

Uma rajada ensurdedora de chuva martelou na lona da tenda, como uma saraivada de flechas a embaterem contra um escudo. Aécio pu-



xou um banco até ao catre e sentou-se. Ele mal se tinha instalado quando a porta da tenda se abriu novamente, lançando um borrifo de água lá para dentro.

Um civil com um aspecto deplorável entrou atabalhoadamente, quase tropeçando numa enorme bola de pêlo enrolada em cima de um tapete no meio do chão. A bola de pelo contorceu-se, irritada, olhou para cima com uns brilhantes olhos amarelos e emitiu um rugido ameaçador.

— Lucila! Cala-te! — ordenou Aécio.

— Saudações, General Aécio — murmurou o homem, ansiosamente. — Mandastes chamar um médico? Com todo o respeito, senhor, aquela loba deixa-me nervoso.

— Ela está domesticada. Já não come um médico há dias.

Os olhos do homem arregalaram-se e ele passou cuidadosamente à volta do ameaçador animal, que fixou nele um olhar irado. Finalmente, colocando Aécio entre si e a besta, o médico esgueirou-se até ao braseiro que estava a meio da tenda com movimentos lentos e deliberados, como que se estivesse a restabelecer a sua dignidade ferida. Removeu a sua capa de lã, onde as gotas de água se tinham instalado como pequenas pérolas, e estendeu-a nas costas de uma cadeira. Depois, calmamente, retirou o seu gorro de feltro e passou uma mão pelo cabelo, fazendo com que mais gotas caíssem sobre o metal quente na beira do braseiro, onde saltaram e estalararam. Por fim, voltando-se para Aécio, que o olhava friamente, acenou com prontidão e dirigiu-se até ao catre para olhar pela primeira vez para o paciente que tinha sido chamado para examinar. O seu rosto imediatamente denotou aversão.

— General Aécio, este homem é um huno!

Aécio suspirou profundamente.

— E isso para mim é uma novidade?

O médico pestanejou, surpreendido, desviando depois o olhar. Entre os olhos amarelos da loba e o olhar impassível do general, sentiu como se as lanternas de um palco estivessem a ser apontadas para o seu rosto. Baixou-se, constrangido, para vasculhar o seu estojo médico, grunhindo e murmurando para si mesmo, depois lançou-se ao trabalho de má vontade, abrindo o cobertor ensopado do huno e cortando a túnica de lã. Enquanto afastava cuidadosamente o tecido, cortando as fibras onde o sangue seco tinha aderido à pele do homem, olhou para Aécio e abanou a cabeça, desanimado.

O general inclinou-se sobre o ombro do médico para ver ele próprio e estremeceu. Recuou por um momento, olhando fixamente para o tecto baixo como que recompondo seus pensamentos. Depois, rodeando a

forma curvada do médico, baixou-se, agarrou o rosto do huno com a mão e virou-o na sua direcção.

— O que é que se passa? Por que é que estás aqui?

O huno ferido sobressaltou-se com o som da voz do general e as suas pálpebras tremeram e abriram-se. Os seus olhos, no entanto, mantiveram-se desfocados e distantes e os seus lábios moviam-se laboriosamente.

— Tenho de dizer a Flávio... tenho... de dizer a Flávio!

— Diz-me o quê? Meu velho, por que é que vieste?!

O médico sentou-se e gentilmente retirou a mão de Aécio do rosto do paciente, afastando-o respeitosa, mas firmemente. O general recuou um pouco, apesar dos seus olhos nunca terem deixado os do velho huno. Enquanto o médico cuidadosamente ajustava uma aba dobrada num conjunto de pinças de metal, conversava com Aécio, procurando, ao mesmo tempo, informá-lo e distraí-lo.

— O homem não vai durar mais um dia, General. Eu ficaria surpreendido se ele sobrevivesse esta noite. Se me permitis perguntar: quem é ele?

Aécio fez uma pausa antes de responder.

— Este homem...

Com uma súbita falta de palavras, ele desviou os olhos para o outro lado da sala, olhando para o vazio.

— Este homem — continuou, — foi em tempos um huno.

O médico escarneceu.

— ‘Em tempos’? Não os fazem mais hunos do que este espécime. Então o que é ele agora?

Aécio olhou para baixo, tristemente, para o homem moribundo e manteve-se em silêncio. O médico observou-o por um longo bocado e depois, temendo que a sua pergunta tivesse sido esquecida ou ignorada, ganhou coragem para interromper os pensamentos do general.

— General Aécio, numa questão de interesse profissional e... curiosidade pessoal, o que é que ele é agora?

Aécio suspirou e endireitou-se. Recompondo o rosto, fixou o olhar firmemente no médico.

— Passaram trinta anos. Mais de trinta anos. Não, doutor, este homem não é um mero huno.

— Ah. Então conheceis este homem? Um oficial inimigo capturado, talvez?

Aécio abanou a cabeça.

— Não, não é simplesmente um oficial, apesar de ele também o ser. Mantenha-o vivo, doutor, custe o que custar.

Os olhos do médico brilharam perante a confiança que aquele grande homem tinha depositado nele.

— Então este huno é bastante importante, não é?

Aécio acenou afirmativamente e, uma vez mais, baixou-se para examinar o rosto do homem ferido.

— Doutor — disse, — neste momento, ele pode muito bem ser o homem mais importante no Império Romano.